

PADRE RAFAEL GOMES, MISSIONÁRIO NAS FILIPINAS

De visita à terra e ao país que o viu nascer e crescer, o Padre Rafael Gomes fala com paixão sobre a sua experiência missionária nas Filipinas. Foram três anos tecidos de alegrias, dificuldades e sonhos.

Uma entrevista, onde pode encontrar a partilha de situações tão diversas quanto interpeladoras.



DIA MUNDIAL DAS MISSÕES 24 de outubro 2021



p. 3

MISSÃO NA NOSSA CASA 2021

O *Diálogos - leigos SVD para a Missão* abraçou com entusiasmo o seu projeto de voluntariado. Houve tempo para trabalho manual, oração, convívio e formação.

Foram passos e processos em mundos novos que começam a vislumbrar-se.

p. 11

UMA JORNADA QUE QUER CHEGAR A TODOS

A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023 deve ter a marca de uma jornada de todos e para todos. Com Maria como a grande figura do caminho cristão que nos ensina a dizer sim a Deus, os jovens são convidados a partir como testemunhas de Cristo vivo.

p. 9

CARLO ACUTIS E A EUCARISTIA

Carlo Acutis, beatificado em Assis, a 10 de outubro de 2020, foi um jovem que encontrou na Eucaristia o seu alimento para a vida. Estar unido a Jesus foi o seu programa de vida.

Um jovem dos nossos tempos como modelo de santidade para os jovens de hoje.

PENSAMENTO

S. JOSÉ FREINADEMETZ

Não considero o ser missionário como um sacrifício oferecido a Deus, mas uma graça que Deus me concede.

OU CAMPO DA VINHA OU TORRE DOS CLÉRIGOS



JOSÉ MARIA CARDOSO
Superior Provincial

A minha Paróquia, Fermentões-Guimarães, tem uma vinha. É conhecida como a vinha do Sr. Reitor. Foi plantada pelo saudoso Pe. Armando Freitas e cuidada agora pelo não menos querido e entusiasmado, Pe. Miguel Teixeira e por um grupo de paroquianos, a quem se deu o sugestivo nome de “trabalhadores da vinha”.

Gosto desta ideia da vinha associada à paróquia. E a vinha do Sr. Reitor depressa me levou a outros lugares e pensamentos.

Há, na cidade de Braga, uma praça popularmente conhecida como O Campo da Vinha e que, urbanisticamente falando, já teve dias mais felizes. O nome ficou-lhe pelo facto de, antes de ser praça Conde de Agrolongo, ter sido a vinha de Santa Eufémia. Foi comprada e oferecida aos cidadãos de Braga, já convertida em praça, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, de grande visão urbanística.

Na cidade do Porto temos a Torre dos Clérigos. Esta bellissima peça da arquitetura barroca é considerada a obra emblemática do arquiteto Nicolau Nasoni que, entre outros monumentos de grande beleza, é também o autor da, não menos conhecida, Casa de Mateus, em Vila Real.

A vinha do Sr. Reitor fez-me pensar que nós, enquanto Igreja, só temos duas escolhas: ou Campo da Vinha, ou Torre dos Clérigos. Ou uma Igreja em saída, ou uma protegida intramuros.

Todos sabemos que podemos ser mais tentados pela Torre dos Clérigos do que pelo Campo da Vinha. Na primeira vê-se o mundo de cima; na segunda está-se no meio do mundo. Na primeira, as grossas paredes da tradição protegem; na segunda, a missão no descampado expõe. Na primeira, espera-se que o mundo venha ter com Deus; na segunda, tem-se pressa em levar Deus ao mundo. A primeira corre o risco de se alhear; a segunda corre o risco de se magoar...

“IDE TAMBÉM VÓS PARA A MINHA VINHA” (Mt 20,7). Jesus não nos manda para a torre, mesmo que a torre seja a da igreja. E na vinha, embora se trabalhe nela todo o ano, não se faz sempre o mesmo tipo de trabalho: nem sempre se planta e nem sempre se rega; nem sempre se poda e nem sempre se cava; nem sempre se sulfata e nem sempre se vindima. A cada estação o seu trabalho; a cada tempo a sua missão.

Que trabalho me pede, **HOJE**, a vinha para a qual fui chamado a trabalhar, como cristão? •

AS VIDAS da minha vida

J. Jesus AMARO



Da sala da alegria ao salão de festas com os pixotes das cancelas da veiga

Fui ter com eles ao Brasil, em setembro de 1985, e encontrei-os, cinco anos depois, às portas da casa onde morava nos arredores de Guimarães. Com este intervalo, de cinco anos de Belo Horizonte, ter sido provavelmente o melhor intervalo da minha vida. O Bairro da Esplanada e a Casa do Homem de Nazaré, fundada e dirigida pelo padre Cornélio Kila, são espaços de pixotes reais como os que Hector Babenco retrata no seu magnífico filme O PIXOTE. É verdade, nas Cancelas da Veiga encontrei os meus “pixotes” portugueses muito iguais aos que conhecera no Brasil, salvo o morar na rua. Nomes como Maurício, Amadeu, Zeca, Mário, Fausto, Toninho, Dinis, Lameirão, Picapau, Pipo, Simão, Bino, Miguel, Eduardo, Rogério, Pedro... São de cá e de lá...

O rinque que existe ao lado da casa onde morava, ouvia tantos palavrões por minuto, que havia momentos em que se transformava em autêntica sala de espetáculos para maiores de 18 anos. O rinque era a sala da ALEGRIA (do jogo, do golo, da finta e do palavrão) e a piscina o SALÃO

da descontração (do namoro, das bombas, dos mergulhos... do lazer). Era uma alegria eufórica para eles e para mim que ali estava procurando garantir que tudo corresse bem e para agir em caso de necessidade. E corria bem, com um ou outro arranhão, mas nada de grave. Vi-os crescer e vi-os voar, uns para o mundo do trabalho, outros para continuar a escola. Sem grandes voos é certo, pois para um minhoto “retinto” chegar ao Porto é vislumbrar o norte de África e a moirama do sul a que, por engano, chamam Vila Nova de Gaia.

Hoje em dia, lembro-os com saudade e carinho e gosto de saber que têm as suas vidas organizadas e que, infelizmente, um ou outro escolheram mal o caminho.

Houve também pequenos incidentes, que não ensombram em nada o bem que se fez e o mal que se evitou. Lembro o caso do XIS. Um dia encontrou a porta do meu escritório aberta e entrou. E para que serve uma porta aberta se não para entrar? Fez umas buscas e levou o que quis. Não sei se muito se pouco. Acho

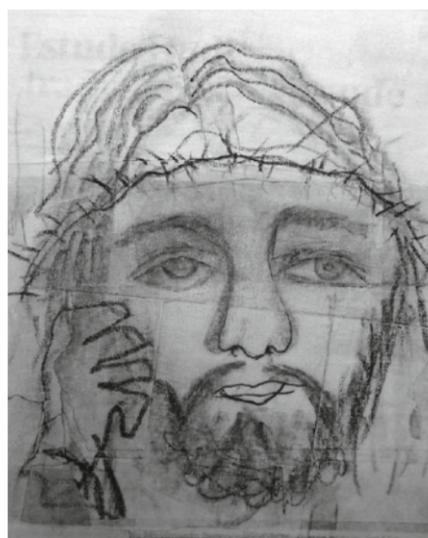
que pouco. Encontrámo-nos à saída. Perguntei-lhe o que fazia ali... balbuciou que vira a porta aberta e encerrámos o diálogo. Depois, dirigi-me à cidade e encontrei-o no caminho. Parei! Ao ver-me apressou-se a devolver-me um pequeno gravador que me tinha roubado, pensando que eu tinha dado pela falta dele. Não tinha. Depois, ele foi à sua vida e eu à minha.

Um dia à noite, um visitante resolveu vasculhar a casa e começou por deitar abaixo uma porta ao pontapé e empurrão. Chamaram-me os meus colegas (A e L) para guardar o assaltante que eles tinham “caçado”, enquanto eles iam telefonar para a PSP. O meu espanto: eu também sabia telefonar... Ali fiquei uns largos minutos conversando “civilizadamente” com ele e com enorme vontade de o mandar embora. Mas, como a conversa assumiu um tom cordial, lá fomos esperando até que chegou a polícia. Os passos seguintes da conversa já ficaram ao critério deles. Estas foram das melhores vidas da minha vida. •

O REGADOR DA PAZ

JOSÉ M. TEIXEIRA

ORAÇÃO DO HOMEM QUE NÃO PERDEU A ESPERANÇA



O machado está prestes a desferir o seu rude golpe
O fogo pronto a eclodir do seu ovo e a incendiar tudo em volta
A forquilha traiçoeira a um passo de cravar-se nas minhas pernas.

Vivo num buraco seco, preso e sangrando,
Comendo solidão fome sede de liberdade. Também esperança.
Ainda assim, o meu rosto cobre-se de luz de idade e poesia.

Penso na água da fonte correndo viva desde as profundezas...
Como ela canta e ri e salta e some-se na terra dos mares
Tudo de bambu, tudo na origem, tudo contra os tiranos.

Ninguém pode manter, para sempre, biliões de seres humanos
Presos e esmagados sofrendo infinitos danos.

«O Senhor dá aos meus pés caminho aberto.» •

INTENÇÕES DO PAPA

Outubro

Rezemos para que cada batizado seja envolvido na evangelização e disponível para a missão, através de um testemunho de vida que tenha o sabor do Evangelho.

Novembro

Rezemos para que as pessoas que sofrem de depressão ou de stress encontrem nos outros um apoio e uma luz que as abra à vida.

MISSÃO POR CÃ

MISSÃO NA NOSSA CASA 2021

FOTOS - DAVIDE DUARTE



O Diálogos – leigos SVD para a Missão realizou, pelo segundo ano consecutivo, o projeto “Missão na Nossa Casa”. Um momento de oração, integrado na festa da paróquia de Rendufe, deu início ao projeto. A espiritualidade de Santo Arnaldo foi a fonte para a manhã de formação apresentada pelo Pe. António Leite. A comunidade de Almodôvar marcou presença, via internet, com uma oração dedicada a S. José. A casa é tua... Entra.



ÀS VEZES QUEREMOS... SEM QUERER

Entre 16 e 19 de agosto de 2021 participei no projeto de voluntariado, que teve lugar no Seminário do Verbo Divino, em Guimarães. O objetivo foi participar na “arrumação da nossa casa”. Foram 4 dias a limpar parte do espaço exterior do seminário, sobretudo aquele que necessitava mais do nosso esforço, entre outras tarefas. Todos os presentes participaram: uns nas atividades de limpeza, outros a rachar lenha, outros a preparar as refeições. Os momentos de oração foram importantes para nos alimentarmos espiritualmente, dando sentido ao que fazíamos.

Gostaria que dessem continuidade ao nosso trabalho, iniciado já em 2019, pois os espaços exteriores são de uma beleza invulgar! Este é também o apelo do Papa Francisco: cuidar da casa comum. Que os nossos pés e as nossas mãos não se cansem de contribuir para embelezar a mãe natureza! Foram dias que me marcaram e me ajudaram a ver a natureza com um novo olhar. Conseguir dar este passo... pode ser o início de um novo caminho. Às vezes queremos... sem querer!

No último dia do projeto, assistimos à projeção do filme “Corpus Christi” (de 2019) e participámos na eucaristia, na igreja paroquial de Gonça.

Paulo Cardoso

SER O QUE SOMOS É QUANTO BASTA

Há muito tempo, era eu uma criança que gostava de acompanhar o meu pai. Num determinado dia, estava ele a tentar arranjar umas canalizações de ferro de uma casa centenária, pelo facto de, devido à oxidação das mesmas, terem deixado de cumprir a sua funcionalidade. A tarefa ia-se revelando pouco simples para um amator: havia um vai e vem constante entre o local de trabalho e a loja, à qual recorria sempre que uma nova situação exigia a aquisição de mais um determinado objeto. Eu observava-o e auxiliava-o orgulho-

samente, com um rasgado sorriso, proveniente do sentimento de ser filho de um Super Pai, por um lado, e pelo facto de estar a ser útil, por outro. A dada altura, entre palavras e sons menos agradáveis, proferidos pelo meu pai, ouço-o dizer: “se fosse para mim, não fazia isto!”

Durante estes dias no Seminário, os meus filhos “visitaram-me” e, ao verem-me, correram na minha direção, também com rasgados sorrisos, questionando-me sobre o que estava a fazer e se precisava de ajuda. A imagem da criança de há muito tempo invadiu-me o coração. Estávamos a terminar o primeiro dia! Nos seguintes, houve muitos “vai e vem”. Éramos todos amadores, ao serviço do outro, ao serviço do Pai. E seguíamos alegres, vivendo plenamente o dia do nosso Batismo: os nossos corações iam-se transformando, vendo o outro com o olhar de Jesus: com misericórdia e acolhimento.

Porém, houve momentos em que me vi a recitar as palavras que outrora meu pai pronunciou, agora sentindo-as e dando-lhes sentido: “se fosse para mim, não fazia isto!”

Jorge Fertuzinhos

TEMPO DE CRESCIMENTO

Este tipo de projeto, para mim, foi um desafio. Não eram as atividades com que mais me identificava, mas era necessário realizá-las e aceitei o desafio. Estas atividades deverão ser realizadas periodicamente, e não só porque estamos impossibilitados de ir para outros lugares. Dos dias em que participei, recordo a alegria com que fomos recebidos pelos missionários e seus funcionários. Tenho a certeza que a nossa presença foi importantíssima para a comunidade verbita de Guimarães. Posso até acrescentar: mesmo que não realizássemos tarefas especificamente físicas e apenas estivéssemos com

eles, seriam momentos importantes de convívio. Neste ambiente de partilha, realço que o momento mais marcante destes dias foi a conversa que tive com um missionário do Verbo Divino, após uma manhã de formação em grupo. Enquanto membro do grupo Diálogos, foi muito enriquecedor o convívio com alguns elementos e também um tempo de crescimento com outros elementos, pois nem sempre as opiniões são unânimes. Ao tentar fazer um balanço do que foi a minha presença neste projeto, sinto que o meu papel foi animar e estimular o convívio entre todos. Em jeito de brincadeira, dizia: “claro que, sem mim, o projeto não seria o mesmo!” Senti que a minha presença passou por escutar o outro, nos desabafos tão necessários, após um tempo de isolamento físico entre todos, imposto pela pandemia!

Ana Rita Castro



MISSÃO POR CÁ

CHARLIE BARDAJE, COORDENADOR DE MISSÃO POR CÁ

GRUPO MISSIONÁRIO EM ALPALHÃO

Como é agradável entrarmos na igreja e vermos os altares adornados com toalhas cuidadosamente bordadas, os belos e perfumados ramos de flores, os castiçais com as velas acesas,... E nós sentamo-nos confortavelmente para participar na Eucaristia e tudo acontece de forma natural e serena, pois tudo está preparado.

No entanto, muitas vezes, esquecemo-nos que por detrás existe um grupo que tudo faz para que a igreja esteja impecável. Um grupo que varre, lava, passa a ferro, limpa o pó, coloca cera nas velas, prepara os objetos litúrgicos, organiza a lista de leitores, de cânticos, de acólitos, de ministros de comunhão. Grupo esse que aceitou essa missão há muitos anos, algumas



desde crianças que começaram por ir com as mães, tias, avós... e acabaram por ficar e continuar com esta missão. Em Alpalhão não é exceção, são estas senhoras que aceitaram esta missão e dedicam o seu tempo de forma voluntária para estar tudo no seu melhor. Além do dia-a-dia na igreja, têm ainda a seu encargo adornar os andores nas procissões e organizar as mesmas para

que tudo corra da melhor maneira nas festas. Muitas vezes, o seu trabalho não é reconhecido e nem se tem a noção da importância da sua presença, mas, sem elas e sem o seu empenho, não teríamos uma igreja bonita, da qual todos sentimos orgulho. Agradecemos a estas senhoras pelo trabalho maravilhoso que fazem todos os dias.

Paula Varela

FORMAÇÃO E INSTITUIÇÃO DE LEITORES NA COMUNIDADE INGLESA DE LISBOA

No dia 27 de junho de 2021, decorreu na igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha, a instituição de nove leitores no ministério de leitor, na Comunidade Católica Inglesa de Lisboa. Após dois anos da formação, os novos leitores foram instituídos pelo capelão da Capelania Inglesa de Lisboa, P. Jovito Osalvo. Na sua mensagem, o capelão chamou a atenção para o papel dos leitores na liturgia e na missão da Igreja. Como portadores da Palavra de Deus, são chamados a exercer o seu ministério numa profunda afinidade e convivên-

cia com o Verbo Encarnado, para poderem transmitir aos outros esta graça que vem da escuta da Palavra. Os leitores agradeceram pela graça que lhes foi concedida. Pediram oração e apoio de todos no exercício do seu ministério. Receberam um crucifixo como recordação da sua consagração ao serviço da Palavra de Deus.

O capelão terminou a cerimónia agradecendo aos jovens confrades, Fabian e Casimiro, pelo acompanhamento dos novos leitores durante os dois anos de formação. Fabian Cofie



ALMODÔVAR

PASSAGEM DO ÍCONE DE S. JOSÉ



A diocese de Beja assinala o ano dedicado a S. José com a passagem de um ícone pelas paróquias da diocese. Este ícone foi pintado pelo próprio prelado diocesano, D. João Marcos, e foi apresentado e benzido aquando da celebração da missa crismal, na sé catedral, a 31 de março do corrente ano.

Vindo de Mértola, o ícone percorreu, entre os dias 9 e 18 de agosto, as paróquias do concelho de Almodôvar. Em todas as comunidades por onde passou, houve um momento de oração, evocando as virtudes de S. José. Várias pessoas da vila acompanharam sempre a passagem do ícone pelas aldeias. Inserido no mesmo programa, foi

um momento de oração online, na noite de 17 de agosto, entre a comunidade de Almodôvar, reunida na igreja do Convento de Nossa Senhora da Conceição, e o grupo Diálogos, reunido no Seminário de Guimarães. Foi um momento agradável de reencontro, ainda que por meios digitais. Recorde-se que o grupo Diálogos, nos últimos anos, tinha feito o seu voluntariado missionário de verão em Almodôvar, mas foi interrompido por causa da pandemia.

No dia 19 de agosto, o ícone foi entregue à paróquia de Castro Verde, continuando o seu caminho.

Feliciano Sila

DE ALMODÔVAR PARA FÁTIMA

As seguintes palavras ecoaram bem alto na Igreja Matriz de Almodôvar, ao iniciar a missa dominical do dia 29 de agosto passado: "Há mais de 25 anos que os padres do Verbo Divino, vindos alguns deles de longínquos países, têm anunciado entre nós Jesus Cristo. A sua presença tem constituído para nós uma verdadeira imagem da universalidade da Igreja e o que significa deixar pátria e família para ir anunciar o evangelho noutras paragens. "Vai!" Agradecemos a Deus o tempo que o P. Glorio esteve connosco e agradecemos ao Senhor da Seara que continua a enviar aqueles que nos habituamos a escutar e a ver. Com o P. Glorio vão também as comunidades de Almodôvar. Recordamos as Palavras



de S. José Freinademetz: "A melhor terra que temos para viver é aquela que Deus nos dá", aquela para onde Deus nos envia. A melhor terra para onde Deus agora o envia, é Fátima. Todos nós vamos consigo, porque consigo vai um pouco de nós e consigo também somos todos enviados. Conosco missionários, aprendemos a ser missionários."

Foi a eucaristia de envio do P. Glorio Fernandes da comunidade de Almodôvar para a comunidade de Fátima. Foi nas paróquias deste concelho que o P. Glorio deu os primeiros passos como missionário. Passados sete anos, foi enviado para uma nova comunidade.

Feliciano Sila

MISSÃO POR CÁ

CAMINHOS DE DEUS NO SOBRAL DE SÃO MIGUEL

Era o dia 18 de janeiro de 1964 e, na aldeia de Sobral de S. Miguel, concelho da Covilhã, nascia uma menina de uma família humilde. O pai era alfaiate e a mãe cuidava dos filhos e da casa. Cultivavam também alguns terrenos que tinham na aldeia, como meio de sustento da família.

Os tempos foram passando e, através de uma pessoa amiga, tive conhecimento de diversas atividades que aconteciam no Seminário de Tortosendo. Decorria o ano de 1995 e comecei a frequentar encontros e festas, assim como ações de voluntariado que ali se realizavam em tempos do Sr. Pe. Lúcio Brandão. Fui caminhando com o lema de ajudar a quem mais necessitava. Ao mesmo tempo, partilhava com outras pessoas esse mesmo lema para que também elas pudessem aderir.

As peregrinações a Fátima eram um dos pontos altos que anualmente nos fortaleciam. Ir e estar junto da Mãe para agradecer tudo o que ao longo do ano tinha sido possível e pedir novas graças, com os amigos do Verbo Divino que vinham de outras regiões. Era a partilha de experiências e o acontecer de novas amizades.

É pena que, devido à pandemia, estes encontros não se tenham realizado. Confiamos em Deus para que possamos retomar estes encontros.

Matilde Abrantes



foto - internet

O VERÃO EM MINDE

A mata de Minde foi um dos destinos de passeios e caminhadas do clero e religiosos neste verão. No dia 1 de julho, D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima, com o seu vigário-geral, P. Jorge Guarda, e os Padres mais novos da diocese, fizeram uma caminhada pela mata de Minde e visitaram a gruta de Mira de Aire. O almoço foi na casa paroquial, onde decorreu também a partilha sobre a vida comunitária. A 19 de agosto, a mata de Minde voltou a receber visitas de Fátima: 21 irmãs da Congregação das Escravas da Sagrada Eucaristia e Mãe de Deus. Os párocos ofereceram um almoço asiático, com pratos da Índia e das Filipinas. Depois, houve convívio e partilha. O dia terminou com a missa celebrada com a comunidade, na igreja de Minde.

No mês de agosto, e dentro das normas sanitárias, as festas em honra de Nossa Senhora foram celebradas no dia 1 em Vale Alto, no dia 8 no Covão do Coelho, e no dia 15 em Minde.

Charlie Bardaje



ESPIRITUALIDADE E ARTE EM SÃO COSME

No dia 8 de agosto, a comunidade paroquial de S. Cosme viveu um momento festivo com a inauguração da ampliação do adro da igreja, promovida pelo Conselho Económico Paroquial. O autor do projeto já é nosso conhecido, ou não fossem os irmãos Dinis e Martinho Ribeiro, filhos desta terra e com marcas já deixadas na Basílica de São Torcato com a belíssima e nobre fonte batismal



ou na vizinha localidade de Rendufe, com um grupo escultórico a decorar o jardim da igreja.

E agora, foi a conceção e execução da ampliação do adro da igreja de S. Cosme. Em "Guimarães agora" podemos ler:

"A transformação do adro conseguiu destacar agora aquele conjunto numa visão mais integradora em que tudo se conjuga: património, paisagem, materiais, história e religiosidade. Os bancos e guias de granito que dão força à intervenção, a argamassa cor de barro, utilizada nos espaços entre o lajeado, os sobreiros colocados sem incomodar a vista geral, a bica de água e também uma cruz enorme, de ferro, que fica, ali, altaneira, fortalece aquele conjunto com um ar contemporâneo, sem lhe afetar a sua história e raízes."

Também em "Guimarães agora" podemos ler que "cerca de 50.000 alunos do 9º ano de escolaridade ficaram a conhecer a arte de Dinis Ribeiro através do obelisco que serviu de enunciado ao exame" e que ele construiu para homenagear a comunidade educativa de Ponte.

Parabéns ao Conselho Económico Paroquial, aos artistas irmãos Dinis e Martinho e à empresa Artercanter que eles gerem. Assim também se vai fazendo um mundo melhor.

Valentim Gonçalves

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS DORES DO PAUL



A origem do culto a Nossa Senhora das Dores é muito antiga. Quando em 1810 as Tropas Napoleónicas passaram pelas Beiras, este povo, receoso de que algo acontecesse e destruíssem a preciosa imagem que se venerava na igreja paroquial, retirou-a e foi escondê-la fora da povoação, com um voto

Assim aconteceu e o povo construiu uma Capelinha no "Lameiro da Fonte" no ano de 1896. Antes da construção da Capela, começaram a fazer a festa na povoação. Em 1881 já faziam os festejos no mercado e só por volta de 1909 é que fizeram pela primeira vez a festa na Capela, construída em cumprimento do voto.

de lhe fazer uma festa, caso nada de mal acontecesse, e construir uma capela em sua honra. Quando os franceses foram expulsos de Portugal, o povo reconduziu a imagem em procissão para a igreja, realizando a festa no 1º domingo de julho, data que se mantém.

Os anos passaram, a religiosidade popular foi tomando novas formas, mas a devoção à Senhora das Dores aumentava cada vez mais. Desta maneira, foram acontecendo várias etapas de construção ao longo dos anos, até chegarmos ao dia 7 de julho de 1957, data em que aconteceu a bênção do Santuário pelas mãos de D. Domingos da Silva Gonçalves. Nesse dia, segundo o jornal *Notícias da Covilhã* de 13 de julho de 1957, "calcula-se que devem ter vindo ao Paul, cerca de 20.000 pessoas de várias procedências".

A 12 de maio de 1962, este Santuário foi visitado pelo então Ministro das Obras Públicas, Eng. Arantes de Oliveira, que expressou grande admiração pela obra e lançou novas ideias para outros passos.

A devoção aumenta e em cada ano, no primeiro domingo de julho, a festa de Nossa Senhora das Dores reúne milhares de peregrinos que, de perto e de longe, acorrem a agradecer os benefícios recebidos e a suplicar novas graças.

Devido à pandemia, neste ano não foi possível a realização das tradicionais festas. Contudo, e cumprindo as medidas sanitárias, o essencial e o centro da festa aconteceu. Houve a recitação do Terço no sábado e a Eucaristia no domingo, com a presença da imagem de Nossa Senhora das Dores, devidamente ornamentada para maior louvor da Mãe.

Maria José Pereira

PADRE RAFAEL GOMES, MISSIONÁRIO

A experiência faz a gente; o Amor faz o

Depois de três anos nas Filipinas, seu destino missionário, o P. Rafael Gomes está de visita aos seus familiares, amigos e membros da Congregação do Verbo Divino em Portugal. Foi com muito agrado que ouvimos o P. Rafael Gomes falar do caminho percorrido. É com esse mesmo agrado que agora colocamos nas mãos dos leitores, as palavras deste jovem missionário.

ENTREVISTA
ANTÓNIO LEITE

Três anos nas Filipinas é muito tempo?

Três anos nas Filipinas é apenas o tempo de adaptação a uma realidade diferente. Três anos é o tempo para conhecer, ver, ouvir, aprender... é um tempo de inculturação, de despojamento de uma série de preconceitos, para que a nova realidade nos transforme de acordo com a necessidade de um novo começar.

Aquele dia 3 de agosto de 2018 será inesquecível. Quais as primeiras impressões na chegada às Filipinas?

As primeiras impressões foram muitas. Uma que me deixou perplexo foi o trânsito: carros, motos e triciclos por todo o lado, como nunca antes tinha visto ou imaginado. Uma outra foi a fé das pessoas. Povo simples, humilde, sem grandes posses, com grandes dificuldades físicas, emocionais e sociais, mas de fé inabalável. E uma outra, salta à vista de qualquer um, é a desigualdade social, a pobreza extrema, o trabalho precário, o sistema de saúde com pouca capacidade de resposta, a educação que se detém mais em estatísticas do que em qualidade formativa... Conhecer os filipinos como quem vai para ficar é redescobrir uma forma da coragem humana que não se desarma perante os desafios e dificuldades da vida.

Tendo, nos primeiros dias, ficado duas semanas em Manila, capital com milhões de habitantes, e tendo ali vivido a experiência da visita a uma prisão, que impacto te causou tudo isso?

A visita e a celebração da Eucaristia na Prisão, com todo o ambiente que ali se vive, foi, de facto, o primeiro choque cultural e pessoal com aquela realidade. De tão intenso que era, o cheiro ficou-me penetrado na roupa. E se assim foi com a roupa, imagine o que me ficou gravado na mente. Mas, de facto, e como eu próprio experimentei muitas vezes, é nas grandes tribulações da vida que Deus faz cada vez mais sentido. Ao canto do ofertório, ver mais de 700 homens cantar com tamanha devoção e melodia tão harmoniosa, já não sabia quem era mais prisioneiro: se eu, ou se eles.

Como foi a aprendizagem da língua?

O processo de aprendizagem da língua é um processo contínuo. E eu, uma vez que falo inglês, aprender a língua local tem sido um processo mais longo, porque todos falam comigo em inglês. Depois de três meses de aprendizagem do Tagalog, e com um processo de imersão cultural que o acompanhou,



Procissão do Senhor dos Passos (Manila)



Bongabong (Mindoro Oriental)

fiquei com as bases necessárias para ir desenvolvendo a minha capacidade de comunicação. Mas tenho ainda um longo caminho pela frente.

Depois dessa etapa, esperava-te algum compromisso pastoral?

A chegada de um missionário jovem é sempre um fator de grande ânimo. Mas, um novo missionário tem sempre de passar por certos processos de adaptação, para que acabe por ser mais efetivo nos seus compromissos pastorais. O meu primeiro ano foi um ano de maior mobilidade, onde passei por muitas comunidades, vi diferentes realidades e aprendi a ver e escutar mais certas coisas. Dado que de Deus é o tempo oportuno, ao iniciar o meu segundo ano na missão, fui nomeado como assistente paroquial da Catedral de Calapan, na ilha de Mindoro Oriental, da qual foi pároco, primeiro, São Ezequiel Moreno (Ordem dos Agostinianos Recoletos), e na qual teve Sé o nosso Bispo mártir, William Finnemann, missionário do Verbo Divino.

No caminho, apareceu um curso de missiologia. Como o definirias em poucas palavras e qual o seu lugar na vida do missionário?

Esse curso ajudou-me a entender coisas que eu nunca conseguiria entender por mim mesmo num contexto e numa realidade tão diferentes das que eu conhecia. E o que mais me ajudou foi que esse curso não era só para missionários estrangeiros que estavam a chegar às Filipinas, mas também para os missionários filipinos que, depois de anos de missão em outros lugares do mundo, regressavam às Filipinas e à realidade que à data encontravam e que era diferente daquela que tinham deixado quando partiram. É parte integrante da vida de um missionário a formação contínua. Se para quem é do lugar tem de reaprender e se refazer consoante os novos tempos, quanto mais alguém que chega de fora o tem de fazer, para que a sua missão de evangelizar não se perca por falta de atenção às sensibilidades locais e pessoais do povo que lhe é confiado.

Sabemos que te marcou o facto de teres trabalhado durante um ano no lugar em que há um Bispo mártir. Que nos podes contar acerca deste acontecimento?

O Bispo William Finnemann é uma figura incontornável da história de Mindoro. Nascido no antigo Império Alemão, foi ordenado padre dos Missionários do Verbo Divino e, por volta da década de 30 do século passado, foi ordenado Bispo auxiliar de Manila e Administrador de Mindoro, sendo a sua sede em Calapan, na Igreja onde eu fui vice-reitor. Como missionário exemplar, à imagem de São José Freinademetz que queria ser chinês até no céu, nacionalizou-se filipino. É-lhe célebre a frase: "Nunca duvidem. Exercerei os meus deveres como Bispo e lutarei pela defesa dos paroquianos de Mindoro. Mesmo que me matem!" Com a ocupação japonesa, por ter já nacionalidade filipina e por ser bispo católico, foi martirizado às mãos das tropas ocupantes.

Antes da tua vinda para férias, o Santuário de S. Judas Tadeu, em Manila, foi a realidade que procuraste habitar. Que elementos destacarias desta etapa?

O santuário de S. Judas Tadeu, em Manila, é um lugar de grande afluência de devotos de todas as partes das Filipinas, por diversos motivos. Patrono das causas impossíveis e dos casos desesperados, S. Judas Tadeu é procurado

NÁRIO NAS FILIPINAS

cristão

como grande intercessor, especialmente por estudantes que se preparam para exames de fim de curso. Ver e viver em tal realidade, fez com que em mim despertasse mais fortemente o empenho sincero do zelo pelo povo de Deus e no exemplo e oração constante que tanto nos pedem. Este último ano, após dois anos de integração cultural, foi, acima de tudo, um ano de integração espiritual no contexto da religiosidade filipina.

Três anos em terras filipinas, parte deles marcados pela pandemia covid-19. Que marcas desta situação para a sociedade, para a igreja e para ti?

Depois dos primeiros meses de pandemia, de confinamentos e quarentenas, eu decidi não me deter em partilhas de opinião sobre a atual situação mundial. Não porque não acredite, ou porque quero evitar o assunto. Simplesmente senti e sinto que, como padre, este é o tempo em que a Igreja e a sociedade precisam mais de mim, como sacerdote. Apesar das restrições e constrangimentos, o que vi e senti foi o povo à procura de Deus, a querer estar no seu santuário, a querer conversar com Ele na Igreja, a precisar daquele tempo de encontro, frente ao sacrário e de alguém que se disponibilize para ouvir, para dar atenção... e até, para que possa estar frente a frente com alguém de carne e osso, com alguém que, para além das realidades virtuais impostas, o possa olhar nos olhos e dizer *"estou aqui!"*.

Depois destes três anos, poderias destacar três experiências que seguramente não irás esquecer?

Na vida de um novo missionário posso afirmar que cada dia é uma nova experiência. Mas de todos, destacaria os seguintes momentos:

1. Os primeiros dias nas Filipinas, os cheiros, as cores, as fortes trovoadas, as chuvas, o calor e a humidade constantes;
2. O meu primeiro Natal nas Filipinas, passado no sul de Mindoro, em Bongabong. Nas Filipinas, o Natal começa a ser preparado/celebrado já em setembro. Só isso já é bastante diferente da nossa cultura ocidental. Celebrei lá o famoso "Simbanggabi", a novena de Natal, que vai do dia 16 de dezembro até à noite de Natal.
3. O dia 3 de dezembro de 2019, aniversário da minha ordenação sacerdotal, quando um tufão atingiu a cidade onde eu estava, deixando grande ruína para inúmeras famílias que ficaram sem nada.

Depois desta nossa conversa, que palavras podem esperar as famílias e os jovens de um missionário português nas Filipinas?

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como bronze que ressoa ou como címbalo que retine" (1Coríntios 13,1). Esta foi uma das passagens bíblicas que me deram força para ir em missão. Fui para que não fosse simplesmente "bronze que ressoa", o corpo de uma ideia que não tem conteúdo, apenas eco num espaço vazio. A experiência faz a gente; o Amor faz o cristão. O compromisso missionário é o derradeiro encontro do coração cristão com Deus, na resposta ao mandato do Senhor: Ide! Ide e anunciai, batizai. Convertei-vos e convertei, para que o Sagrado Coração de Jesus viva de facto e em plenitude nos corações de toda a humanidade. •



Procissão de Nª Senhora da Guia (Mindoro Ocidental)



Missa num centro comercial (Calapan)



Dia de aniversário da senhora



Paróquia S. Judas Tadeu - em tempos de pandemia



Missa numa escola (Calapan)



Bongabong (Mindoro Oriental)

A TEMPO E A DESTEMPO

URGE UMA CORAJOSA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

“Somos cidadãos de diferentes nações e simultaneamente cidadãos de um mundo em que o global e o local se interligam”.
(Preâmbulo da Carta da Terra)



BERNARDINO SILVA
bernardino.silva@gmail.com

A temática da Educação Ambiental para a Sustentabilidade não trata específica e exclusivamente o tema das alterações climáticas, mas insere-o antes no lugar onde estas ganham sentido, isto é, no quadro mais lato e há mais tempo reconhecido da crise global do ambiente e ecologia integral. Nesse sentido, é importante analisar abordagens dessa crise que, sendo do ambiente, é também, e sobretudo, uma crise que nos interpela nos nossos valores e nas nossas certezas, nas nossas instituições e mesmo nos nossos hábitos quotidianos. Com efeito, as questões ambientais têm uma eminente natureza pública e coletiva, mas estão também relacionadas com os comportamentos,

o dia-a-dia dos cidadãos e a sua esfera de responsabilidade individual. A relação do homem com a natureza tem uma intrínseca componente ética. Entre o egoísmo do nosso conforto e a solidariedade com as gerações que se seguirão à nossa; entre o conhecimento que pode resultar em desenvolvimento ou em destruição; entre a inércia que resulta em omissão ou complacência

A gravidade da situação ambiental e climática é um desafio para a nossa inteligência e para a nossa vontade.

e a ação lúcida e consequente, estão em causa nada mais nada menos que as condições de sustentabilidade da humanidade.

A gravidade da situação ambiental e climática é um desafio para a nossa inteligência e para a nossa vontade. A complexidade das questões e o seu alcance no espaço e no tempo, desafiam as nossas categorias de compreensão

e convidam-nos a ter uma atitude de ver o outro e a natureza como um dom. Cada vida que se cruza connosco é um dom e merece aceitação, respeito, amor. É importante e necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e com o mundo. Devemos cuidar da casa comum, como nos fala o Papa Francisco na Encíclica *Laudato si'*, sendo bons e honestos.

Devemos contribuir para que os temas do ambiente e da sustentabilidade sejam, acima de tudo, incluídos dentro das nossas fronteiras do pensamento, tendo sempre presente os direitos humanos como fundamento da vida e do agir. Talvez por isso, a encíclica *Laudato si'* assuma um papel pedagógico importante e é uma inspiração nos momentos de dificuldade que estamos a viver. Encoraja-nos a refletir sobre os valores que partilhamos e anima-nos a criar um futuro mais justo e sustentável. ‘Tudo está interligado’ – sentimo-nos unidos a todos os povos do mundo, pedindo discernimento para os caminhos da ecologia humana integral, na pro-

cura do bem concretamente possível. Walt Whitman afirmou estar apavorado com a Terra, pela sua serenidade e paciência, mau grado todos os ataques do homem:

“Hoje a Terra apavora-me, tão serena e paciente,

De tantas coisas corruptas crescem tantas coisas doces,

Gira inofensiva e imaculada no seu eixo com tantas sucessões infinitas de cadáveres enfermos,

Destila tantos ventos delicados a partir de tanta fetidez macerada,

Renova com inocente aparência colheitas pródigas, anuais e sumptuosas,

Dá materiais divinos ao homem e, no fim, aceita deles tantos desperdícios”.

Julgo que não devemos esperar mais um século, para saber se as aparentes calma e paciência da Terra, na circunstância de um belo poema, não nos impõem hoje uma outra atitude, de respeito ativo pela dádiva única, que é a vida no nosso planeta. •

MARIA, MÃE DO BOM CONSELHO

JOSÉ ANTUNES

No verão passado, os membros do Conselho Geral visitaram Genazzano, uma pequena vila situada a 45 quilómetros de Roma numa região onde a planície dá lugar às colinas. É uma vila com longa história como testemunham as suas muralhas, igrejas e casas antigas. Em Genazzano fica o santuário de Maria, Mãe do Bom Conselho.



Na vetusta basílica venera-se um ícone de Nossa Senhora que, segundo a tradição, veio miraculosamente de uma igreja de Scutari, na Albânia em 1467, pouco antes da ocupação da cidade pelos turcos.

Numa das dependências da basílica há uma sala onde estão expostas imagens e quadros de santos que visitaram o santuário, como São João Bosco, São Paulo da Cruz e Santa Teresa de Calcutá. Entre eles, há um quadro representando Santo Arnaldo Janssen. Apesar de não se conhecerem documentos que registem tal visita, diz a tradição que o nosso Fundador peregrinou ao santuário de Genazzano durante uma das suas idas a Roma.

Via dei Verbiti



Uma coisa é certa, quando os jovens padres verbitas foram estudar para Roma, tornou-se prática fazer a peregrinação a Genazzano. Num livro sobre a presença SVD em Roma, o historiador P. Joseph Alt escreve: “As peregrinações eram muito populares e proporcionavam exercício físico. Embora uma excursão ao santuário da Mãe do Bom Conselho em Genazzano não pudesse substituir o estudo diligente, era, no entanto, uma pausa bem-vinda após os rigores dos exames”.

Na nossa visita a Genazzano, um dos Padres Agostinhos que cuidam do santuário explicou-nos a história e devoção do lugar. Celebramos a Eucaristia na pequena capela que abriga o precioso ícone e imploramos a bênção de Maria, Mãe do Bom Conselho, para o nosso trabalho de liderança.

Nas bodas de Caná onde, a certa altura, faltou o vinho, Maria disse aos serventes: “Fazei o que Ele [Jesus] vos disser”. Estas palavras são um conselho que Maria dirigiu não só àqueles serventes, mas a todas as pessoas que desejam encontrar Deus. Ela aponta sempre para Jesus, convidando-nos a escutá-lo e a segui-lo. Não temos a certeza se Arnaldo Janssen peregrinou a Genazzano. Todavia, se não esteve lá fisicamente, fê-lo de certeza, unido espiritualmente aos peregrinos, pedindo à Mãe do Bom Conselho luz para discernir a vontade de Deus, escutar a Sua Palavra e tomar as decisões apropriadas sobre a sua obra missionária. •



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO VERBO DIVINO

FOI HÁ 60 ANOS!!!

EDUARDO MOUTINHO SANTOS
Presidente da Direção da AAVD



Foto: De cima para baixo: Manuel Lopes Laranjo, José Alves Almeida, Domingos Gomes Lopes, Júlio Ferreira Dias, Abílio da Conceição Dias, Feliciano Silva Gonçalves, Ildefonso Gonçalves Moleiro, Alfredo Gaspar, José Moreira Santos, Pe. Eugénio, António Mendes, Hilário Pedrosa da Silva, António Luís Pranto, José Maria Roque Lino, António Castanheira Lopes e Fernando Joaquim dos Santos

Associados e Amigos.

Para ocupar a “caixa” do «CONTACTO» que a Direção da AAVD tem ao seu dispor para dirigir aos associados e amigos, e a todos os aaVD’s, uma mensagem ou saudação, lembrei-me que foi há sessenta anos que o saudoso **Pe. Eugénio Selbach, SVD**, ao tempo Reitor do Seminário de Fátima – onde me encontrava a frequentar o 3º ano promoveu o **1º ENCONTRO (REUNIÃO) de aaVD’s**.

Nos dias 10 e 11 de junho de 1961, em resposta ao convite do Pe. Eugénio, estiveram no 1º Encontro, em Fátima, 17 aaVD’s: os 15 identificados na foto (extraída de “Luz do Verbo”, nº 24 – Ano V 1961) e o Antero Nabais do Paulo e o Filipe Vieira que partiram antes.

Recordo-me que, por essa altura, também passaram por Fátima, a despedirem-se, alguns aaVD’s (de farda caqui) recém mobilizados, como o saudoso Alberto Cruz, para a ‘guerra colonial’, iniciada em março pelos independentistas de Angola.

Tenho presente, do convívio havido e das conversas ouvidas, que se concordou nos princípios e objetivos que enformaram a futura AAVD, e se assumiu o compromisso da realização de Encontros de aaVD’s, um anual em Fátima e outros regionais, objetivos e compromisso que têm sido cumpridos ao longo destes 60 anos.

Impunha-se à AAVD a realização, ainda no corrente ano de 2021, de um Encontro Anual em Fátima para comemorar-se o 60º Aniversário do nascimento dos Encontros dos aaVD’s. Todavia, as incertezas que ainda permanecem sobre como a pandemia Covid-19 vai evoluir após a campanha de vacinação, que condicionalismos ainda terá, no futuro próximo, a indústria hoteleira e de restauração e se, ainda, haverá necessidade de decretar mais estados (situações) de emergência, calamidade ou contingência, levaram o subscritor a não propor aos demais membros da direção da AAVD a realização de um Encontro para o início de outubro próximo.

Esperemos que, brevemente, tudo se componha e, então, nos encontraremos ... para os abraços suspensos e adiados!!!

Eduardo Moutinho Santos

Nota explicativa/glossário:

SVD Congregação do Verbo Divino
aaVD’s Antigos Alunos do Verbo Divino
AAVD Associação dos Antigos Alunos do Verbo Divino
AAVD’s Antigos Alunos sócios da AAVD

MISSÃO E VOCAÇÃO

BÍBLIA

JOAQUIM DOMINGOS LUÍS

DISCIPULADO EM MARCOS

Jesus chamou os discípulos para estarem com Ele e os enviar em missão (Mc 1,16-20; 2,14; 3,13-18; 6,7-12); eles correspondem prontamente ao chamamento e seguem Jesus.

Através das suas palavras e atos, Jesus vai formando os seus discípulos, embora muitas vezes eles não compreendam o alcance das suas palavras e ações.

Jesus chamou-os para colaborar com Ele no anúncio do Reino de Deus, para convidarem as pessoas à conversão e para as curarem. Já durante a sua vida pública, Jesus os envia (Mc 6,7-12), mas é sobretudo depois do encontro com o Ressuscitado, que eles partem a anunciar que Jesus é o Messias, o Salvador. Dão o salto do medo à fé (Mc 4,35-41; 5,34.37).

Não são só os discípulos que têm dificuldade em entender o mistério da pessoa de Jesus, mas também

a sua família, as autoridades «civis» e religiosas da época. Os seus familiares pensam que Jesus está fora de si e vêm buscá-lo para O levar para junto deles (3,21) e os fariseus e herodianos querem matar Jesus (3,6).

Apenas os seres sobrenaturais conhecem Jesus; é o caso dos demónios (1,24; 5,7; cf. 1,34) e, claro, o Pai (1,11; 9,7). É só após a sua morte que um humano o reconhecerá como Filho de Deus: o centurião romano (15,39).

Marcos não encobre a humanidade dos discípulos, a sua dificuldade em acreditar, a procura pelos primeiros lugares, os seus medos (6,50-51; 4,40), o seu coração endurecido (6,51).

Marcos apresenta algumas figuras secundárias que representam as pessoas de fé; todas elas, à partida, não seriam as mais aptas para aderirem a Jesus: um leproso

(1,40), uma mulher impura (5,34), uma mulher sirofenícia (7,24-28). Por outro lado, Jesus critica a falta de fé dos fariseus que pedem um sinal (8,11) e dos seus próprios contemporâneos: estava admirado com a falta de fé daquela gente (6,6).

Também nós recebemos a graça de sermos discípulos de Jesus; somos chamados a fazer o encontro com Ele, na escuta da Palavra, na celebração da Eucaristia e no encontro com os irmãos/ãs mais necessitados. Ontem como hoje, somos enviados às periferias geográficas e existenciais. Apesar do nosso pecado, da nossa falta de fé, dos nossos medos e fragilidades, Jesus quer contar connosco para que a Boa Notícia chegue a toda a parte. Temos uma certeza: Jesus ressuscitado espera-nos na Galileia! •



Contacto svd RECOMENDA

EMÍLIA MOURA



«Não se trata naturalmente de um estudo exegético rigoroso. É, antes, uma proposta de leitura em ordem a mudar a nossa vida e a vida das comunidades cristãs de hoje. O leitor que se abeir de qualquer um dos doze textos selecionados começará então por ser convidado a ler o texto. São-lhe depois confiadas algumas indicações ou explicações, sempre em ordem a fazer chegar as palavras do texto à nossa vida concreta de hoje. Por último, ainda são confiadas ao leitor algumas interrogações para ajudar a afinar procedimentos para hoje.» D. António Couto

Um caminho... com olhos sem persianas;

Até onde iremos não sei; mas sei que temos de partir;

Precisamos de nos abrir a estas "páginas abertas à caligrafia do fogo do Espírito Santo";

Uma *Lectio Divina* para acolher, pois o que não acolhemos não sobrevive;

E hoje? Andar sem perguntas ou dúvidas é beber água parada;

Eu... Tu... Ser peregrino e deixar entrar no coração a alegria agradecida destes encontros.

«Este pequeno livro leva-nos a um percurso catequético comunitário ou familiar, num exercício de escuta, acolhimento da Palavra de Deus e de uma resposta generosa, aberta e dinâmica a essa mesma Palavra.»

P. António Lopes svd •

BEATO CARLO ACUTIS E A EUCARISTIA¹

DAMIÃO LELO



A Eucaristia é «fonte e cume de toda a vida cristã». É dela que nasce a adesão pessoal. É nela que se cultiva eficazmente a relação e a comunhão com Deus e que se encontra a Presença real de Cristo.

Temos um Beato jovem, como modelo de santidade, que viveu e sentiu intensamente a Presença real de



Cristo na Eucaristia. Carlo Acutis, beatificado em Assis, a 10 de outubro de 2020, foi um jovem extraordinário. Entre várias virtudes – caridade, oração (rezar o Terço), ler a Bíblia, visitar os lugares santos, estudar, o ardor que constituiu o selo foi a veemente vivência da Eucaristia, da qual se nutriu espiritualmente. Ele dizia que “a Eucaristia é a minha autoestrada para o céu”. Com apenas quinze anos de idade, descobriu o tesouro espiritual e o modo de subir ao céu estrelado do Amor.

Estreitar a união com Jesus foi tecido com solicitude. Ele mesmo expôs: “Estar sempre unido a Jesus, eis o meu programa de vida”. Sob este

desejo profundo, pautou a sua vida pelo encontro diário com Jesus, mediante a participação diária na Missa. A partir da Eucaristia, construiu a comunhão fraterna com os colegas coetâneos, os pobres, os marginalizados. Deixou-nos um apelo expressivo: “A meu ver, muita gente não compreende profundamente o valor da Santa Missa, porque se desse conta da grande riqueza que o Senhor nos deu, *oferecendo-se como nosso alimento e bebida na Santa Hóstia*, iria todos os dias para receber os frutos do *sacrifício* celebrado e renunciar a muitas coisas supérfluas”. Quão profunda convicção da importância da Eucaristia! Esta é fonte da caridade, que nos leva a servir Deus nos outros.

Apontou também um caminho claro para a evangelização, diante do risco do impacto das novas tecnologias digitais. Serviu-se dos meios de comunicação como espaço fértil para comunicar a fé em Deus. Transmitiu-nos um legado legítimo: a tecnologia da informação é um precioso recurso que nos ajuda a evangelizar, quando soubermos fazer uso dela, rumo ao infinito. A seu ver, “a nossa meta deve ser o infinito, não o finito”. Só assim é que não “morremos como fotocópias”. •

¹ Este texto baseia-se no livro de Nicola Gori, postulador da Causa de Canonização de Carlo Acutis. Pode-se conferir em Nicola Gori, *Carlo Acutis. Da Informática ao Paraíso*, Paulinas, Prior Velho, 2021.

Calendário Missionário 2022



PVP - 1€

Com Maria, a caminho das Jornadas Mundiais da Juventude. Uma boa proposta.

São vários os elementos em cada página. Quem sabe qual deles poderá deixar a sua marca!

Deixe-se acompanhar... por esta boa companhia.

Obrigado por me levar consigo.

OPINIÃO

A IGREJA ESTÁ A ARDER?



JORGE FERNANDES
jfernandes1875@gmail.com

Chegaram-me vários ecos sobre o último texto que aqui publiquei. A maioria apreciou a forma como situei a Igreja dentro do contexto de grande perplexidade, que tomou conta da sociedade. Agora leio uma obra de Andrea Riccardi, publicada em abril deste ano, com o título sugestivo e provocante: “A Igreja está a arder?” Partindo do incêndio que, na noite de 15 para 16 de abril de 2019 destruiu parte da catedral de Notre-Dame, o fundador da comunidade de S. Egídio analisa a situação da Igreja em França e noutros países da Europa. O quadro está longe de ser otimista e são inúmeros os sinais de decadência ali apresentados.

A grande pergunta a que o autor tenta responder é esta: a Igreja ainda tem futuro? Podemos imaginar uma Europa sem a presença do cristianismo? “A crise católica parece muito forte: comparável ao incêndio de Notre-Dame” escreve A. Riccardi. Não é a primeira crise ao longo destes 20 séculos. Algumas vieram do exterior, como o confronto da Igreja

com a modernidade laicista ou com o comunismo; outras crises surgiram no seu interior. O momento que vivemos apresenta dados indicadores de falta de vitalidade no interior do corpo eclesial. Há quem fale de uma sociedade pós-cristã. Outros, particularmente em França, afirmam que estamos “na fase terminal da religião católica”. Não é fácil para os católicos de todas as cores aceitar estas análises, que podemos qualificar de pessimistas. Mas o problema existe: as igrejas esvaziam-se, o pedido de sacramentos como o Batismo ou o Matrimónio decrece

Podemos imaginar uma Europa sem a presença do cristianismo?

rapidamente, as comunidades cristãs revelam uma grande dificuldade em transmitir a fé (e sobretudo a prática da fé) às gerações mais jovens.

Muitos intelectuais crentes e não crentes perguntam-se se a Europa pode sobreviver sem uma clara referência aos valores propostos pela Igreja. São os valores do Evangelho, que estão por assim dizer, no alicerce desse grande edifício, que é a Europa. Mas a vida para os crentes não está fácil. Acreditamos que a Igreja foi fundada por Jesus, que lhe garantiu perenidade através dos séculos. Mas vivemos essa fé na fragilidade e precariedade da história. O conhecido Card. Martini, recordando as antigas Igrejas Cristãs do Oriente, hoje desaparecidas,

afirmava: “A perenidade é assegurada à Igreja, não às Igrejas; as Igrejas particulares são responsáveis do seu futuro; a sua sobrevivência está ligada à sua resposta”.

É verdade: a crise tem muitos contornos que dizem respeito ao futuro do nosso Continente. Há muito que os países do Oriente retiraram algum protagonismo à Europa. Estamos num tempo de grandes mudanças geoestratégicas e de muitas delas não nos damos conta. Veja-se o papel da China nas Olimpíadas de Pequim e agora em Tóquio! Tudo indica que o eixo do mundo se desloca lentamente para outras latitudes. Há uns bons 70 anos, um teólogo alemão (W. Buhlmann) intitulou um livro sobre a deslocação da Igreja para o hemisfério sul “Terceiro Mundo-Terceira Igreja”.

Escreveu-se muito sobre as origens cristãs do nosso mundo ocidental. Muitas ideias seculares, que sustentam as nossas sociedades, inspiraram-se no Evangelho. O ideário da revolução francesa só poderia florescer num húmus de tradição cristã, que professa a fraternidade universal. A resposta dada por Portugal e outros países de tradição católica à pandemia é uma prova da persistência do valor da pessoa, da beleza da solidariedade, da capacidade de entrega ao serviço dos irmãos. Talvez nos devêssemos ocupar mais desta questão e vermos por que razões, afinal, *não podemos não dizer-nos cristãos*, do que da preocupação ainda latente em tantos setores da Igreja, de batizarmos a sociedade. •

REPENSAR A VIDA RELIGIOSA



DOMINGOS SOUSA
d.sousa1@hotmail.com

Entre os vários livros que li durante o período de verão, encontra-se o seguinte título: *O Futuro da Vida Religiosa. Das Origens à Crise Atual*. O autor é o teólogo espanhol José M. Castillo. Um espírito livre que chama as coisas pelo nome e não recorre a eufemismos teológicos para maquilhar a realidade. Ele não pretende oferecer interpretações e conclusões definitivas sobre a crise atual da vida religiosa. Admite que os factos e os dados que expõe podem ser interpretados de maneira distinta. Mas insiste que é imprescindível tê-los em conta para responder aos problemas e desafios do presente. O decréscimo de vocações, o considerável número de religiosos e religiosas que abandonam os seus institutos e o inevitável envelhecimento dos que permanecem obrigam-nos a perguntar sobre o futuro da vida religiosa.

A vida religiosa é geralmente apresentada como modelo do seguimento de Cristo, que encontra na vivência dos votos evangélicos de pobreza, obediência e castidade a realização concreta da perfeição da vida cristã. Contudo, relativamente ao voto de

pobreza, por exemplo, muita gente tem dificuldade em entender o sentido de tal voto. Praticamente ninguém pensa, assevera o autor, que os religiosos pobres. “E quem pensa que somos pobres é porque vê a pobreza como ninguém a vê. Porque o que fazemos os religiosos não é o que fazem os pobres nem a nossa maneira de viver é a maneira de viver dos pobres”. A falta de coerência entre o que vivemos e o que intentamos transmitir às pessoas devia levar-nos a repensar o voto de pobreza. A pobreza é um mal e uma desgraça que causa imenso sofrimen-

Se não alterarmos as nossas condições de vida de forma a mostrar que outra vida religiosa é possível, a espiritualidade por si só não nos tira da situação que estamos a viver.

to a milhões de seres humanos. Na cultura atual, faria mais sentido falar de um voto de solidariedade com os pobres e excluídos.

A nossa profecia, adverte o autor, deveria ser a nossa vida, explicada às pessoas de tal forma que se dessem conta da harmonia entre o que vivemos e o que dizemos e se sentissem seduzidas por esta forma de viver. O problema é que os religiosos temos muitas coisas que ocultar, coisas que não podemos permitir que as pessoas saibam como de facto são. Como temos consciência que a nossa vida tem de ser exemplar, há situações em que

não nos resta mais remédio que fingir. E o mais grave é que tal é feito com o convencimento que esta maneira de proceder é-nos pedida por Deus e é o que mais convém ao bem da Igreja. Perante os muitos problemas e desafios, fala-se frequentemente da renovação da espiritualidade da vida religiosa como solução para a crise que estamos a viver. Por mais importante que seja a renovação da espiritualidade, observa o autor, “não é à força de espiritualidade que vão aumentar as vocações”. Se não alterarmos as nossas condições de vida de forma a mostrar que outra vida religiosa é possível, a espiritualidade por si só não nos tira da situação que estamos a viver.

Não se trata de uma questão de espiritualidade, conclui o autor, mas de sensibilidade. Nós religiosos temos ideias claras. O problema é que frequentemente servem para anestesiar a nossa sensibilidade e justificar a nossa pretensa boa consciência. Estamos geralmente bem informados sobre a realidade do mundo em que vivemos, mas nem sempre estamos dispostos a questionar a nossa segurança e a situação de privilégio que gozamos. E acrescenta: “Os religiosos deveríamos ter bem claro que o nosso futuro não se vai alicerçar nas diretrizes que venham de Roma, mas na sensibilidade concreta e efetiva que tenhamos pela dor e humilhação dos mais desgraçados da terra”. Este é um livro que merece ser lido e meditado por quem vive inconformado e busca novas respostas aos desafios do presente. •

QUE É FEITO DE TI

LEONEL FEITEIRO FRANCISCO



Começo por saudar toda a Comunidade Verbita, com um aceno especial a todos os ex-alunos, que passaram desde 1949 pelos Seminários de Guimarães, Tortosendo, Fátima e Casa de Lisboa.

Convidado a escrever para esta rubrica, de início declinei o convite, pois os participantes nos “convívios” em Fátima, Guimarães e principalmente no Tortosendo, em que integro a equipa organizadora, conhecem-me bem. Mas muitos dos 510 ex-alunos a quem chega o Contacto svd não vão às atividades e o horizonte dos leitores deste jornal é mais vasto, por editar 3.000 exemplares.

Entrei em Tortosendo em 1956, pela mão do saudoso Padre Lúcio. Posteriormente, fui para Fátima. Saí em 1963, após o sétimo ano, que corresponde ao atual 12º ano.

Regressei para a zona do Fundão até ingressar na “tropa” em Mafra (Curso de Oficiais Milicianos).

Em 1967, fui mobilizado para a Guiné, embarcando (que curiosidade) no dia 8 de dezembro e regressando a 8 de dezembro de 1969.

Em fevereiro do ano seguinte, ingressei na Repartição de Finanças de Celorico da Beira e no final desse mesmo ano fui transferido para a Repartição do concelho do Fundão. Contraí matrimónio em agosto de 1970. Tenho uma filha que me deu a neta Maria, de 18 anos.

Em 1974 (março) fui “abrir” a Delegação da Companhia de Seguros Fidelidade em Covilhã, (tendo deixado as Finanças), onde permaneci até à pré-reforma, em 2001.

Moro em Alcaria, concelho do Fundão, onde acompanho a atividade profissional da minha esposa (Sócia-gerente de uma Empresa de Gestão de Resíduos).

Ajudo o Pároco da freguesia em todas as atividades da paróquia, (o que faço há cerca de 25 anos), dado o mesmo ter à sua responsabilidade cinco freguesias e ter residência na Capinha.

Para concluir, estou esperançado em nos reunirmos no próximo Encontro de ex-alunos, em Tortosendo, **último sábado do mês de outubro**, dia 30, caso as diretrizes da D.G.S. assim o permitam. Vamos ter “fé” e acreditar. •

OLHARES

UMA JORNADA QUE QUER CHEGAR A TODOS

MARGARIDA FERREIRA MARQUES

Gabinete Diálogo e Proximidade, JMJ Lisboa 2023
Publicação MissãoPress



Uma jornada de todos e para todos é a marca forte que se pretende deixar na Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023.

A JMJ é primeiro e mais que tudo, um encontro de jovens de todo o mundo com o Papa. Um Papa que se quer fazer próximo, conhecer o que os interpela, o que os desinstala e o que os apreende. É uma peregrinação, uma festa da juventude, uma expressão da Igreja universal e um momento forte de evangelização e de experiência de fé. Com uma identidade católica, é aberta a todos, quer estejam mais próximos ou mais distantes da Igreja.

Respondendo ao apelo do Papa Francisco, que desafia toda a Igreja a estar em estado permanente de saída missionária e a um esforço de renovação constante, sonhar uma JMJ num mundo pós-covid representa tanto um desafio como uma oportunidade na assunção desta missão de ir ao encontro e de dialogar com todos.

“Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39) é a frase bíblica escolhida pelo Papa Francisco, como lema para a JMJ 2023 em Lisboa.

Partindo de Maria de Nazaré, a grande figura do caminho cristão que nos ensina a dizer sim a Deus, o Papa apresenta Maria como “o grande modelo para uma Igreja jovem, que quer seguir Cristo com frescura e docilidade”.

O convite ‘levanta-te’ diz respeito a uma responsabilidade que o Senhor nos confia: “É o dever de estarmos vigilantes, para não deixar que as

pressões, as tentações e os pecados – os nossos ou os dos outros – entorpeçam a nossa sensibilidade à beleza da santidade, à alegria do Evangelho”.

Partir apressadamente é a atitude com a qual se sintetizam as indicações do Papa Francisco para a JMJ 2023: «que sejam de evangelização ativa e missionária por parte dos jovens, que assim mesmo reconhecerão e testemunharão a presença de Cristo vivo».

É a este apelo que toda a organização tem procurado responder: partindo apressadamente, mas não ansiosamente, levantar-se e construir uma JMJ com a figura de Nossa Senhora como guia.

É sobretudo uma missão que tem como objetivo o cuidado. O cuidado com as pessoas, os espaços e o impacto na Criação.

“Enquanto houver uma pessoa descartada, não poderá haver a festa da fraternidade universal” diz-nos o Papa Francisco na Fratelli Tutti, e cuidando das pessoas, da acessibilidade, da saúde, da inclusão e da sustentabilidade tendo em vista não apenas os dias do evento, mas também a sua preparação e o pós-evento, é para que essa festa aconteça que se pretende, humildemente, contribuir.

A organização da JMJ Lisboa 2023 pretende enraizar uma cultura de inclusão em tudo, desde o acesso ao site à participação nas diferentes atividades dos dias do evento, procurar os mais frágeis e marginalizados e trazê-los para o centro deste encontro com o Papa, adaptando as estruturas às diferentes necessidades de quem por lá passar.

Que qualquer jovem independentemente da sua condição, circunstância, limitações, ou posição no globo sintam que o convite do Papa para vir à JMJ Lisboa 2023 é um convite que lhe é dirigido pessoalmente. É este o objetivo da nossa missão. •

MISSAS PELOS BENFEITORES

Nos inícios de cada mês será celebrada uma Santa Missa pela alma dos benfeitores falecidos e uma outra pelas intenções dos benfeitores vivos.

MANEIRA DE COLABORAR COM A MISSÃO



Também você poderá ajudar os missionários, enviando pedidos de intenções de missas e trintários gregorianos. Desta maneira, estará a contribuir para a subsistência dos missionários. Bem haja!

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Rotunda dos Peregrinos, 101
2495-412 Fátima
☎ 249 534 116 - 960 460 921
✉ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt



ASSOCIAÇÃO DOS
ANTIGOS ALUNOS DO VERBO DIVINO

ENCONTRO de ANTIGOS ALUNOS SVD - 2021

ANTÓNIO PINTO

Voltando à tradição de vários anos, no **último sábado de outubro, dia 30**, beirões residentes e outros da zona de Lisboa, bem como alguns nortenhos, vão reunir-se no Seminário do Verbo Divino, no Tortosendo, para um dia de convívio.

Reserva a data na tua agenda!

PROGRAMA - Provisório:

- 10h30 Concentração no átrio da entrada
- 11h30 Ensaio de cânticos litúrgicos na Capela
- 12h00 Celebração da Eucaristia
- 12h45 Foto de Grupo nas escadas da Capela
- 13h00 Almoço de convívio
- 14h30 Tarde musical com artistas “prata da casa”
- 17h00 Magusto, lanche e continuação das cantorias
- 19h00 Despedida

NOTA: Esperamos que o Encontro se possa realizar, estando dependente das normas em vigor na data, emanadas pela DGS quanto a reunião de pessoas.

Na 2ª quinzena de outubro serão dadas informações definitivas pelos organizadores.

Comissão Organizadora: Emílio Barroso, Ismael Reis, Joaquim Brázia, José Alberto Gonçalves “Trigais”, Leonel Feiteiro Francisco e José Carlos Costa (da Capinha)

Colaboradores: Virgílio Santos e Fernando Neves Batista.

Inscrições: Emílio Barroso 962 879 278 – milobarroso1959@gmail.com



DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

“Não podemos calar o que vimos e ouvimos” (At 4,20) serve de título à Mensagem do Papa para o Dia Mundial das Missões. Segue um parágrafo dessa mensagem, que se encontra no Guião missionário.

O tema do Dia Mundial das Missões deste ano – «não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» (At 4,20) – é um convite dirigido a cada um de nós para cuidar e dar a conhecer aquilo que tem no coração. Esta missão é, e sempre foi, a identidade da Igreja: «ela existe para evangelizar» (São Paulo VI, Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 14). No isolamento pessoal ou fechando-se em pequenos grupos, a nossa vida de fé esmorece, perde profecia e capacidade de encanto e gratidão; por sua própria dinâmica, exige uma abertura crescente, capaz de alcançar e abraçar a todos. Atraídos pelo Senhor e a vida nova que oferecia, os primeiros cristãos, em vez de cederem à tentação de se fecharem numa elite, foram ao encontro dos povos para testemunharem o que viram e ouviram: o Reino de Deus está próximo. Fizeram-no com a generosidade, gratidão e nobreza próprias das pessoas que semeiam, sabendo que outros comerão o fruto da sua dedicação e sacrifício. Por isso apraz-me pensar que «mesmo os mais frágeis, limitados e feridos podem [ser missionários] à sua maneira, porque sempre devemos permitir que o bem seja comunicado, embora coexista com muitas fragilidades» (Francisco, Exort. ap. pós-sinodal *Christus vivit*, 239). •



MISSÃO POR LÁ

DAMIÃO LELO, COORDENADOR DE MISSÃO POR LÁ

ALARGAR O CORAÇÃO – ARGENTINA

Julietta Delgado, com a idade de 16 anos, vive na periferia da cidade de Palpalá (Província de Jujuy, Argentina). Cuida da sua mãe, que padece de encefalite, assim como de um irmão mais novo, portador de deficiência.

Mas, como a pandemia desafiava a criatividade, e como os avós dispunham de uma garagem, decidiu transformar essa garagem num espaço digno para oferecer pequenas refeições a 30 crianças carenciadas. Além disso, desde a sua situação de pobreza, avançou



para a organização de um roupeiro social. Com o pouco dinheiro que recebe das pessoas que procuram este roupeiro social e de outras ajudas, prepara também um prato de comida para cerca de 20 adultos que ficaram sem trabalho, em consequência dos confinamentos impostos pela pandemia.

RETIRO – ANGOLA

De 21 a 22 de agosto de 2021, os religiosos missionários da Zona Oeste da Diocese de Dundo, em Angola, viveram um momento propício de oração, reflexão sobre a vocação religiosa missionária, na paróquia Capenda Camulemba. Foi também uma ocasião para criar a comunhão, aprender uns dos outros, conhecer os carismas de cada congregação.



FÉ E CIDADANIA – BRASIL

A formação «Fé e Cidadania» realiza-se na Prelazia de Itaituba, no Estado do Pará, no Brasil. Trata-se de uma formação contínua com a proposta de vários temas: Como ler a Bíblia; a prática social libertadora do Povo de Deus; o projeto de Deus no Antigo Testamento; Doutrina social da Igreja; instâncias de participação popular nas organizações populares; Amazônia: ecologia integral; análise de conjuntura; Espiritualidade; Mística da resistência, da luta e do enfrentamento; o que é ser líder hoje?

A abertura ocorreu nos dias 6, 7 e 8 de agosto de 2021, no centro de formação de São José do Laranjal Itaituba-Pará, contando com um total de 56 participantes. A formação tem em vista despertar e capacitar para a dimensão transformadora do ser cristão na sociedade, à luz da Palavra de Deus, da Doutrina Social da Igreja e da Encíclica *Laudato Si*.



COMUNIDADE PANTRY – FILIPINAS

Há quase dois anos, o povo sofreu por causa de Covid-19. Algumas pessoas perderam os seus entes queridos, emprego, negócio, ao longo destes anos. Todavia, esta situação corrente trouxe também um momento vantajoso para as famílias: ficar em casa, reconectar e criar relação, rezar. Os filipinos são generosos e solidários. O projeto «Comunidade Pantry», fundado por Ana Patricia Non, em Maginhawa, nas Filipinas, caracteriza-se pela existência de um posto onde se faz o re-

colhimento de qualquer tipo de doação, com o fim de ajudar as pessoas carenciadas. O projeto espalha-se pelo país inteiro. A Ação Familiar da Paróquia de Santa Teresa, em Dagupan, juntamente com os paroquianos, os movimentos, os jovens, apoiou este projeto e fez a recolha de bens. Foi uma grande experiência para partilhar com os outros o que temos durante este tempo difícil. Neste pequeno gesto, continuamos a levar e a transmitir o amor de Deus com aqueles que necessitam.



Colaboradores: Ana Flávia / Brasil; João Naben / Angola; Liliana Barrios / Argentina; Jaya, Margaret e Tomy Wele / Filipinas